

Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Novembro de 1976

No. 11

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau
Companhia Souza Cruz - Indústria e Comércio - Blumenau
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau
Madeireira Odebrecht Ltda. - Blumenau

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVII

NOVEMBRO DE 1976

Nº. 11

COMUNICAÇÕES

Blumenau: Pioneirismo e Liderança

NESTOR SEARA HEUSI

Inicialmente, devo esclarecer que o tema que me propus abordar o será dentro da acepção ampla, genérica do termo “comunicações”. Por isso que, hodierna e burocraticamente, foi dado ao vocábulo um sentido mais restrito.

É este, sem dúvida, um assunto de magna, vital e palpitante importância. Eis porque a evolução, o progresso e sobretudo a expansão e o desenvolvimento dos povos vem se operando, preponderantemente, através das “comunicações”, que sempre tiveram e tem caráter de alta prioridade. Principalmente no transcurso deste século e, com especialidade, a partir do seu terceiro quartel.

Aliás, em que pesem os notáveis feitos e conquistas dos nossos remotos ancestrais, através de civilizações que ocupam lugar de destaque e relevo na História, este século XX representa, sem favor, a era das grandes conquistas e realizações no campo da ciência, da criatividade, das invenções e da tecnologia.

Isto posto, passarei a encarar o tema “comunicações” sob as diferentes facetas do seu prisma, a saber:

a) transportes - dentro das suas diversas modalidades: terrestres (rodo-ferroviários), marítimos, fluviais, lacustres e aéreos (planetário e inter-planetários);

- b) telegrafia e telefonia;
- c) rádio e televisão;
- d) serviço postal;
- e) imprensa escrita (jornais, revistas, etc.).

Todas essas importantes modalidades se constituem em eficientes, poderosos e indispensáveis veículos das “comunicações”, visto como são as artérias, as veias e os demais vasos do complexo organismo econômico, nos seus diferentes e múltiplos ramos de atividade, o qual, sem o seu indefectível concurso, estagnaria, feneceria.

O Brasil, acompanhando as pegadas das demais Nações desenvolvidas, muito tem se empenhado e lutado bravamente no sentido de equacionar e resolver este magno problema, máxime após o advento da Revolução vitoriosa de 31 de março de 1964.

Haja vista o surto surpreendente desse admirável progresso na área das “comunicações”, que tem se espreado não apenas nas suas grandes metrópoles, como também nas suas cidades de grande envergadura e crescimento.

Entre essas últimas está Blumenau. E ela que sempre primou e muito batalhou pelo pioneirismo e liderança em todos os seus empreendimentos, especialmente aqueles que têm por escopo o desenvolvimento cultural, educacional, artístico, industrial e comercial, não poderia - óbvio está - ter descurado do problema altamente prioritário e preponderante das “comunicações”.

E as iniciativas que aí estão, nesse setor, soberbas e esplêndidas, atestam e confirmam sobejamente a minha assertiva.

Senão vejamos.

1 - NO SETOR “TRANSPORTES”:

a) teve Blumenau a sua estrada de ferro própria, de caráter estritamente municipal, quando da sua inauguração no recuado ano de 1909, construída que foi por uma companhia alemã, com sede em Berlim. Inicialmente em pequeno percurso (Blumenau até a localidade de Warnow, ca. de 25 km). Mais tarde, de etapa em etapa, foi penetrando o “hinterland”, em busca do Peperi-Guaçu, na fronteira com a República Argentina, rasgando todo o Vale do Itajaí. E finalmente alcançou a porta de saída do Vale, na foz do Itajaí-Açu com o Oceano Atlântico, servindo portanto à cidade e ao porto de Itajaí. E estudos completos já tinham sido elaborados para a construção da “Rede

Ferrovíaria Catarinense”, contactando as principais zonas do território barriga-verde. Eis senão quando, por motivos que nunca consegui entender, as autoridades responsáveis houveram por bem determinar a paralisação dessa importante e futura ferrovia, sendo quase que certa a sua erradicação. Aproveito este ensejo para deixar aqui registrado o quanto lamentei e lamento que tão triste fato tenha acontecido, por isso que o seu alto objetivo: estratégico, social e econômico, consultava plenamente os legítimos interesses nacionais. E eu que o diga, pois fui seu funcionário durante o largo espaço de cinco lustros, sendo que, ao deixá-la, exercia as funções de chefe da 1ª Divisão-Contabilidade;

b) uma frota considerável de vapores e lanchas-reboque, fez com muita eficiência, para aquela época, o serviço de transporte de passageiros, cargas e malas postais, entre Blumenau-Itoupava Seca e Itajaí, durante dilatado espaço de tempo, quando o velho Itajaí-Açu era então a única via de transporte praticável;

c) hoje uma ótima e considerável rede de estradas pavimentadas, que corta o Estado em todos os quadrantes, tornou superado o transporte fluvial, já agora muito moroso e deficiente, por isso que estamos vivendo a época das grandes velocidades.

d) no setor aéreo, embora em bases modestas, já teve Blumenau a sua linha regular de passageiros e cargas. E desde há muito contamos com o nosso tradicional Aero-Clube, que tem brevetado um número considerável de pilotos.

2 - TELEFONIA:

Faz alguns anos, Blumenau, sempre pioneira, teve a sua rede própria de telefones. Primitivos, é verdade, em cotejo com os dias atuais, mas que prestaram então grandes e inestimáveis serviços à comunidade blumenauense.

Volvidos os anos, e como cidade próspera, progressista e pioneira que é, conta hoje com o moderníssimo sistema DDD (discagem direta à distância), graças aos louváveis esforços da TELESC (Telecomunicações de S. C.), sistema este que tantos e apreciáveis benefícios e comodidade vem trazendo à laboriosa gente blumenauense, através das suas diretas e ultra-rápidas ligações nacionais e internacionais.

3 - RÁDIO E TELEVISÃO:

Aqui também fizeram os blumenauenses jus à láurea do pioneirismo.

De fato, foi seu grande pioneiro e insigne batalhador essa figura ímpar de João Medeiros Junior, cuja saudosa memória se guarda e se reverencia.

Atualmente, dispõe Blumenau de várias estações de rádio, em seus diferentes canais.

Quanto ao setor televisivo, cabe também a Blumenau o honroso galardão de pioneira, em âmbito não apenas local como também estadual.

Os ilustres cidadãos blumenauenses Dr. Wilson de Freitas Melro, Caetano de Figueiredo e Flávio Rosa, este último filho de Joinville, mas aqui radicado há muitos anos, foram os idealizadores e construtores do magnífico cometimento. E hoje aí está, concreta e eficiente, a nossa simpática TV-Coligadas/Canal 3, a transmitir, já agora a cores, para quase todo o território catarinense: cultura, entretenimento e notícia.

4 - SERVIÇO POSTAL:

Filho de pioneiros, Curt Hering, de saudosa memória, essa personalidade marcante na vida pública, social e empresarial, sempre foi pioneiro e líder de grandes e notáveis iniciativas em prol da comunidade blumenauense. Assim é que, imbuído de notório espírito público e visando dar ao correio e telégrafo de Blumenau, alojados que estavam em verdadeiro pardieiro, instalações condignas que melhor condissessem com o aspecto urbanístico, - mandou construir, por sua própria conta, um belo e majestoso edifício, bem no início da Alameda Rio Branco, onde hoje funciona a agência do Banco de Crédito Nacional S. A. (Fundo Fiscal BCN de Investimentos).

5 - IMPRENSA ESCRITA:

Desde os seus primórdios, Blumenau, também neste setor, se revelou pioneira e líder através de vários jornais, hebdomadários e diários, que sempre editou, sendo que alguns (até fins de 1941) em idioma alemão.

Merecem homenagem os ínclitos soldados da imprensa escrita: Eugen Fouquet, Gustav Artur Koehler, Hermann e Júlio Baumgarten, João Octaviano Ramos, Prof. José Ferreira da Silva, Drs. Aquiles e Afonso Balsini, Mauricio Xavier, Federico Carlos Allende, Honorato Tomelin, Germano Beduschi, e quiçá outros nomes que possa ter omitido.

Atualmente, conta Blumenau com dois grandes diários: "A Nação" e o "Jornal de Santa Catarina". Este último, de moderna feição, pioneiro em Santa Catarina do sistema "offset", rivaliza com os grandes órgãos da imprensa patricia. A sua fundação se deve ao esforço de operosos homens da comunidade blumenauense.

Cumpré ainda fazer menção a duas importantes, úteis e interessantes publicações mensais: a revista "Blumenau em Cadernos" e a "Revista do Sul" (anteriormente denominada "Revista do Vale do Itajaí"). A primeira, que tão bem estuda e narra os eventos, os homens e as coisas que plasmam a edificante e fascinante História Blumenauense, foi fundada, a golpes de muito arrojo, esforço e estoicismo, pelo saudoso intelectual e historiador Professor José Ferreira da Silva, a quem Blumenau deve uma larga soma de relevantes serviços. A mesma revista está sendo presentemente dirigida, com igual proficiência e dedicação, pelo brilhante jornalista Federico Carlos Allende.

Quanto à "Revista do Sul", é seu fundador e diretor o festejado homem de imprensa Dr. Osias Guimarães, que tem sido um abnegado e intemorato batalhador, em prol desses 31 anos de sucessos da sua interessante, honesta e bem elaborada publicação.

Eis aí uma síntese do que foi, é e será a nossa querida e renomada Blumenau: pioneira e líder das grandes e profícuas realizações.

O QUE DIZEM DE NÓS

Exmo. Senhor

FEDERICO CARLOS ALLENDE

Diretor da Revista "Blumenau em Cadernos"

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - S. C.

Através da revista "Blumenau em Cadernos", todos os leitores e amigos desta valiosa edição, estamos sendo informados da história e cultura dessa querida pequena pátria. E reconhecendo também o esforço dos senhores pela realização mensal da mencionada revista, em meu nome em particular e dos meus amigos e patricios peruanos, elevo os meus cumprimentos e augúrios de felicidades para S. Excia. e sua digníssima família.

Agradecendo muito pela atenção que está dando-me "Blumennau em Cadernos", fico atenciosamente como o seu servidor.

Prof. ALBERT TACO LAGOS

GENEALOGIA

JEAN R. RUL

FAMÍLIA WAGNER

III

Filhos de F2 (Johann) Peter Wagner (1818-1901) e de Agnes n. Haendchen (1819-1862) - continuação

N9 - Gertrud Wagner *11.3.1848 SPA.

A informação do nascimento de Gertrud em SPA foi obtida após a publicação do primeiro capítulo da genealogia Wagner e vem demonstrar que em março de 1848 sua mãe pelo menos, ainda estava em SPA.

Gertrud casou 16.2.1867 com Luis Altenburg *4.11.1844 †9.1.1920 e, pelo assento de seu casamento, como pelo do falecimento de sua sogra, tem havido confusão com o nome do pai de Luis. O assento de casamento na PEB tem o seguinte teor:

"16.2.1867 casaram Moritz Adolph Luiz Altenburg, de Belchior, filho de Johann Franz, em Belchior e de Caroline Dorothea n. Artt, nascido a 4.11.1844; e Gertrud Wagner, filha de Peter e de Agnes Haendchen, nascida a 11.3.1848 em Pedro Alcântara, Província de Santa Catharina".

Na margem deste assento o pastor Sandreczki anotou a seguinte observação:

"pai e mãe de Luis Altenburg chamam-se Franz Moritz Carl Altenburg e Henriette Emilie Gottliebe n. Doernert. Os que aqui constam como pais são os avós de Luis Altenburg. 30.4.1886 Pastor Sandreczki".

Luis Altenburg *Reichenbach, Silésia e veio ao Brasil com seus pais e 3 irmãos, chegando a Itajaí em 16.12.1857. Depois a família passou a residir em Gaspar. Tinham viajado pelo veleiro Teutônia. O irmão mais velho de Luis afogou-se no Rio Itajaí em 1860 e, dois anos mais tarde, o pai também. Assim, em 1862, Luis com 18 anos de idade, tornou-se chefe de família. Sua irmã Cecília casou-se pouco depois com Antônio Deschamps e Selma, a mais moça, casou em 1868 com Julius August Gaertner. A 29.4.1871 falece a mãe de Luiz, Emilie Doernert, com 57 anos de idade e no assento deste óbito ocorreu novo erro, pois ela é citada como viúva de Johann Franz Altenburg, quando o certo é Moritz Altenburg.

Luis era negociante em Gaspar, onde tinha casa de comércio, a mais importante da localidade. Ele foi eleito a 1.7.1886 para a segunda Câmara de Vereadores de Blumenau, fez parte da primeira intendência municipal em 1890, era terceiro suplente de juiz de direito em 1904 e Conselheiro Municipal em 1907. De 1907 a 1915 ele foi Presidente da Comunidade Evangélica de Blumenau e presidente do Schuetzenverein, sociedade de atiradores, atual Tabajara Tênis Clube.

Gertrud sua esposa, adoeceu gravemente em 1885, tendo escapado da morte por milagre, porém não se recuperou por completo. Em fins de 1885 seu estado se agravou novamente e apesar dos esforços dos médicos, ela faleceu a 8.2.1886, com 38 anos de idade. No seu assento de óbito na PEB foi registrado que ela faleceu de pneumonia insidiosa. Ela foi enterrada no dia seguinte no CEB. Gertrud tinha recebido 50 morgos de terras em herança da mãe.

Luis casou em segundas núpcias a 12.5.1886 com Clara Breithaupt, que lhe deu mais 7 filhos e, após o falecimento desta em 1895, em terceiras núpcias com Maria Breithaupt, que lhe deu mais 2 filhos. Quando ele faleceu a 9.1.1920, com 76 anos, de seus 20 filhos, 17 ainda estavam vivos.

Pais de: (1º matrimônio de Luis)

- B28 - Peter Heinrich Rudolph Altenburg (Rudolf) *9.8.1869 em Belchior. Casou 9.3.1893 com Helene Odebrecht *8.5.1872 †30.12.1937, filha de Emil Odebrecht (1835-1912) e de Bertha Bichels (1844-1910).

Pais de:

T50 - Gertrud Altenburg *14.1.1894

T51 - Hildegart Altenburg *23.5.1896

T52 - Udo Altenburg *21.10.1897

T53 - Bruno Altenburg *15.4.1899

T54 - Wally Altenburg *20.8.1900

T55 - Erna Altenburg *19.3.1902

T56 - Renate Altenburg *16.8.1903

T57 - Rolf Altenburg *13.7.1909 X Judith Pereira. Pais de:

- Q43 - Vânia Altenburg *6.1.1934 X Siegwald Odebrecht *4.7.1931, Industrial em Niteroi. Pais de 5 filhas *Rio de Janeiro: Sandra 1956, Suzanna 1956 gêmea, Soraya 1958, Agnes 1960 e Maria Helena Odebrecht *1962.

- B29 - Dorothea Gertrud Cecilie Altenburg (Cecilie) *9.11.1870 †24.4.1946 na Tijuca, GB.

Casou 29.9.1892 com Friedrich Edmund Heinrich Odebrecht *15.11.1864 filho de Emil Odebrecht e de Bertha n. Bichels. Edmund Odebrecht era comandante de navio e faleceu a 25.11.1908 em alto mar, tendo sido sepultado em Fortaleza, CE. Pais de:

T58 - Luiz Odebrecht *23.7.1893 †25.6.1952 Niteroi. Casou com Clara Lippmann. Sem descendência.

T59 - Emil Odebrecht *18.12.1894 †22.8.1962 Salvador, BA. Casado com Bertha Hinsch, pais de 3 filhos.

T60 - Herta Odebrecht *10.2.1896 X Karl Ruschmann. Residem Niteroi, com sucessão.

T61 - Gertrud Odebrecht *16.3.1897 X Richard Stern. Com sucessão.

T62 - Brunhilde Odebrecht *20.12.1898 Fpolis. X Erwin Hindelmayer. Com sucessão no Rio de Janeiro.

- T63 - Irene Odebrecht *16.4.1900 X Germano Casagrande. Com sucessão, residem Porto Alegre.
- T64 - Maria Odebrecht *1.11.1901 X Carlos Henrique Kuhlen. XX Henrique Schneider. Com sucessão, residem Friburgo, RJ.
- T65 - Paula Odebrecht *5.2.1903 X Frederico Kohler. Com sucessão, residem Niteroi, RJ.
- T66 - Eugênio Odebrecht *13.6.1904 X Carolina Gisela Munck. Com sucessão.
- T67 - Mathilde Odebrecht *19.10.1905 X Erich Stern. Com sucessão Rio de Janeiro.
- T68 - Edmundo Odebrecht *21.3.1909 X Maria Tristão. Com sucessão, Minas Gerais.
- B30 - Catharina Louise Agnes Altenburg (Agnes) *11.4.1872 Belchior. Casou 28.1.1893 com Richard Scheeffler *7.6.1868, filho de Wilhelm Scheeffler (1839-1915) e de Clara Friedenreich. Pais de:
- T69 - Clara Scheeffler
- T70 - Adolf Scheeffler
- T71 - Gertrud Scheeffler
- T72 - Ralf Scheeffler
- T73 - Elfriede Scheeffler
- B31 - Agnes Maria Altenburg (Maria) *20.7.1873 Gaspar. Casou com João Bauer Junior, de Itajaí. Com sucessão, em Itajaí e Blumenau.
- B32 - Louis Altenburg (Luis) *2.10.1874 †12.8.1920, chefe das oficinas da Estrada de Ferro Santa Catharina. Casou em primeiras núpcias, em Florianópolis, com Auguste Selinke *18.11.1879 †10.12.1913, sepultada CEB. Pais de:
- T74 - Emilio Altenburg *17.2.1899 †19.12.1965 Blumenau, sepultado CEB, comerciante em Rio do Sul. Casou 1922 Rio do Testo (Pomerode, SC) com Gisela Buhr *15.8.1900, filha de Adolph Buhr e de Ernestina Karsten. Pais de:
- Q44 - Gerda Altenburg *1923 †1923 Rio do Sul, SC.
- Q45 - Adolfo Luis Altenburg *31.5.1924 Rio do Sul X Maria Ines Müller da Silva *8.11.1926 São Paulo. Residem Blumenau, com dois filhos: Claudia Rosa Altenburg *24.7.1953 e Mauricio Altenburg *17.4.1956.
- Q46 - Udo Altenburg *21.3.1926 Rio do Sul, X 30.3.1954 com Auria Bernardes. Residem em Rio do Sul, com dois filhos: Maria Alice e Francisco Luis Altenburg.
- Q47 - Ingo Altenburg *24.2.1929 Rio do Sul. X Maria da Conceição Machado. Reside Ituporanga, desquitado, sem filhos.

- Q48 - Carmen Altenburg *18.7.1930 Rio do Sul. X Paulo Wiesel, em Ituporanga. Residem São Paulo com dois filhos: Esther e Harry, nascidos São Paulo.
- T75 - Curt Altenburg *1.9.1900, confeitoiro, solteiro, †Recife 14.6.1923, enterrado CEB.
- T76 - Erich Altenburg *1902 † alguns dias de idade.
- T77 - Herta Altenburg *26.7.1903 X Christiano Knoll.
- T78 - Annita Altenburg *20.8.1905 X Octacilio Raposa, de São Francisco do Sul.
- T79 - Max Altenburg *30.9.1907 X Hertha Meyer.
- T80 - Ilse Altenburg *12.10.1909 X Carl Heinz Buechler, já falecido.
- (B32) - Louis Altenburg XX 1915 Blumenau Johanna Lueders *15.9.1882 †27.11.1970, filha de Theodor Lueders e de Elisa Stutzer. Pais de:
- T81 - Arno Altenburg *25.2.1916, reside Blumenau onde possui fábrica de acolchoados X Anna Noroschny, de Jaraguá do Sul. Pais de três filhos: Arno Luis *1945, Aldo Luis *1946 e Ruy Altenburg *1950.
- T82 - Renate Altenburg *17.9.1918, †16.10.1942, solteira sepultada CEB.
- B33 - Hedwig Altenburg *24.6.1876 Gaspar †18.5.1916 Blumenau. X Carlos Kuenzer *26.11.1873 †7.8.1950 União da Vitória. Pais de:
- T83 - Luis Kuenzer
- T84 - Gertrud Kuenzer
- T85 - Edith Kuenzer, reside em São Paulo.
- B34 - Adolf Altenburg *2.7.1878 Gaspar †18.4.1921 Gaspar. X 10.5.1900 Alice Hoeschl *6.12.1878 Warnow †10.6.1970 Gaspar, filha de Leopold Hoeschl e de Helene Ebert. Pais de:
- T86 - Stefanie Altenburg X Charles Ritter, suíço, residem Porto Alegre.
- T87 - Arthur Altenburg, reside em Blumenau.
- T88 - Felix Altenburg *9.5.1907 †29.6.1961.
- T89 - Inge AltenburgXHans Kleine, já falecido. Ela reside em Vitória,ES.
- B35 - Mauricio Altenburg *Gaspar 1.5.1880 †16.6.1880 Gaspar.
 Todos os Altenburg eram de religião evangélica razão porque batismos, casamentos e óbitos estão sempre registrados nas paróquias evangélicas. Com Mauricio foi diferente. Ele estava muito doente e seus pais devem ter constatado que o fim estava próximo. Porém não tinha ainda sido batizado e não havia tempo de mandar vir o pastor, de Blumenau. Por este motivo, mandou o pai chamar o vigário de Gaspar, Frei Henrique Malz, que batizou Mauricio no dia 16.6.1880 e registrou este ato no livro de batismos da paróquia católica de Gaspar, tendo feito a observação de que "batisei sub condicione, por ser batizado em casa".
 No dia seguinte ele registra o óbito "...foi sepultado no cemitério desta freguezia, antes por mim encomendado e acompanhado à sepultura.... faleceu de moléstia desconhecida".

B36 - Luis Franz Ferdinand Altenburg (Ferdinand) *31.5.1881 Gaspar, recebeu estes três prenomes de seus três padrinhos: Luis Sachtleben, Dr. Francis Vallotton, médico da colônia, e Ferdinand Hackradt, ex-sócio do Dr. Blumenau. Ferdinand era industrial na Garcia e †2.3.1926. Casou 1.9.1906 com Erika Christine Eugenie Marie Zittlow *31.7.1886 Rio de Janeiro †22.2.1975, filha de August Zittlow, engenheiro (1855-1945) e de Anna n. Repsold (1856-1942). Pais de:

T90 - Erica Altenburg *1907 X Egon Buelau. Pais de:

Q49 - Helga Buelau X Harald Baumgarten. Pais de 3 filhos.

Q50 - Erna Buelau X Bruno Hollnagel. Pais de 2 filhos.

T91 - Ruth Altenburg *1909 X Felix Steinbach, residem Blumenau. Pais de:

Q51 - Gert Steinbach X Eldrita Koffke, pais de 3 filhos.

Q52 - Rolf Steinbach X Marion Karmann, pais de 2 filhos.

T92 Edith Altenburg *5.9.1912 †9.4.1963, solteira.

B37 - Gertrud Altenburg *23.10.1883 reside em Blumenau, rua Almirante Barroso, com seu filho Marcos Hoeschl e acaba de festejar seus 93 anos. Casou 25.5.1905 com Arthur Ferdinand Hoeschl *5.9.1880 †22.12.1960 Indaial, era negociante em Warnow, filho de Leopold Hoeschl e de Helene Ebert. Pais de:

T93 - Iris Hoeschl *21.3.1906 †12.1.1958 X Felix Hauer, com descendência em Curitiba.

T94 - Marcos Hoeschl *1.2.1908, aposentado, reside em Blumenau, casado com Ruth Ziesemer, com descendência.

T95 - Carl Hoeschl *26.7.1913, reside Warnow, X Agnes Schroeder, com descendência.

T96 - Erna Hoeschl *13.8.1916 †6.10.1969 X Herbert Renaux, com descendência no Rio de Janeiro.

B38 - Victor Altenburg *3.4.1885 †25.6.1885.

N10 - *Louise Wagner* *11.1.1850 em Blumenau, conforme estipulado no assento de seu casamento, apesar de que Blumenau então ainda não existia, porém seus pais já estavam morando em Capim Volta. Ela foi provavelmente batizada em Itajaí, paróquia mais próxima naquela época. Louise casou 2.5.1874 na P.E.B. com Friedrich Julius Bioern (Biörn) *22.8.1847 Copenhagen, Dinamarca, filho de Friedrich M. Julius Bioern e de Christiane n. Capstensen.

Friedrich J. Bioern era comandante, ou oficial, a bordo de um vapor que fazia o transporte de Itajaí a Blumenau. No assento de batismo de sua primeira filha consta ele como "lanchenführer" condutor de lanchas? Eles residiam em Gaspar.

Os locais e as datas de falecimento de Louise e de seu marido não foram encontrados. Pais de:

- B39 - Agnes Mathilde Bioern *16.7.1874, recebeu confirmação PEB 30.3.1890. Sem maiores informações.
- B40 - Lydia Bioern *25.12.1875 X Ursmers Bertrand Laffront *24.4.1854. Pais de:
- T97 - Annie Laffront *1899 †10.2.1926 Blumenau, solteira, sepultada no cemitério católico de Blumenau.
- T98 - Ulmer Laffront *17.9.1908 São Paulo, reside Blumenau X 19.6.1937 Carmen Maria Silveira *17.4.1910, filha de Cesar Silveira e de Clara Reiser Silveira. Pais de:
- Q53 - Jorge Eduardo Laffront
- Q54 - Jean Laffront
- B41 - Claudia Bioern *13.12.1887, Gaspar.
- B42 - Marie Helene Gertrud Bioern *26.10.1889 Blumenau, faleceu jovem.
- N11 - *Reynhold Wagner* *entre 1851 e 1857 em Blumenau e provavelmente batizado em Itajaí.

Ele é citado como padrinho e testemunha de batizados e casamento nos anos de 1871, 1876 e 1877 e no testamento que seu pai fez em 1885. Fora disto, seu nome aparece apenas em um levantamento feito por seu primo Leopold Knoblauch, publicado em Blumenau em *Cadernos T. XV* p. 80, no qual ele é citado apenas como "casado em São Paulo". Nenhum de seus parentes, mesmo os mais idosos, possui qualquer informação a seu respeito.

- N12 - *Maria Wagner* *21.12.1858 em Blumenau e foi batizada na PEB conforme assento n° 46, de 1859, sem data.

Ela tinha pouco mais de três anos quando do falecimento de sua mãe, a 20.5.1862 e sua irmã Dorothea, recém casada com o Dr. Bernardo Knoblauch, passou a tomar conta dela.

A 26.6.1875, com apenas 16 anos e meio, Maria casou com João Pedro Schnaider, casamento realizado na paróquia de Gaspar, pois os Schnaider eram católicos.

O avô de João Pedro, Gaspar Schneider, *1785 na Alemanha, emigrou para o Brasil com 7 filhos, tendo chegado a Desterro a 14.11.1828. Seguiu para SPA a 15.4.1829, onde residia em fins de 1830, viúvo de Catharina Schmidt.

O pai de João Pedro, Pedro José Schneider, *1818, casou no Brasil cerca 1840, com Catharina Bohn *1820, filha de Henrique Bohn *1795 e de Angela (ou Augusta?) Brandt *1797, também imigrantes de SPA. Não tendo gostado das terras de SPA, passou Pedro José a residir em São José, onde achou conveniente mudar seu nome para Schnaider, para adaptá-lo à pronúncia local.

João Pedro Schnaider *cerca 1850 em São José. Um de seus tios e pelo menos duas de suas irmãs, tinham se mudado para Belchior e Gaspar e, possivelmente por ocasião de uma visita feita a estes parentes, João Pedro conheceu Maria Wagner, que residia em Capim Volta e a pediu em casamento.

Após as núpcias eles passaram a residir em São José onde nasceram pelo menos 7 filhos. Por razões desconhecidas, cerca 1890 resolveu João Pedro por termo à sua vida, deixando Maria viúva, com 7 filhos menores e sem recursos.

Maria voltou para Gaspar, onde passou muitas privações, porém foi bastante ajudada pelos seus irmãos e irmãs. Ela ali faleceu a 18.7.1923 com 64 anos e 7 meses.

Pais de: (todos nascidos em São José, SC. - pode ter havido mais filhos que tenham falecido pequenos):

B43 - Arnaldo Schnaider *21.4.1877 †12.3.1940 Blumenau. Casou início 1903 Indaial com Elze Schreep *18.9.1882 †9.1.1904. Pais de:

T99 - Elza Schnaider *22.12.1903, reside Blumenau, casou 3.2.1923 com Dr. Luiz de Freitas Melro *Alagoas, †1969 Blumenau, veio a esta cidade em 1918, advogado, delegado de polícia de 1918 a 1925. Pais de:

Q55 - Wilson de Freitas Melro *1924, advogado em Blumenau, casado.

Q56 - Maria Eulalia de Freitas Melro (Lalinha) *1927, casada com Dr. Eddy Grossenbacher, residem Blumenau.

Q57 - Paulo de Freitas Melro *1928, engenheiro eletro técnico, presidente da Comissão de Energia Elétrica de SC, até 1967 e Superintendente da Sudesul, desde 1967. Casado com Aracy Moellmann, descendente de Agnes Wagner N4, filha de Christian F1.

Q58 - Alaide de Freitas Melro *1929, casada com José Fiuza Lima. Todos com descendência.

(B43) - Arnaldo Schnaider XX 1908 com Lidia Keunecke. Pais de 8 filhos, 4 casados e 4 solteiros, todos nascidos em Blumenau:

T100 - Edgar J. P. Schnaider *24.6.1909 †13.10.1973, sepultado cemitério católico de Blumenau.

T101 - Irineu Schnaider *16.9.1911 †18.3.1936, sepultado mesmo cemitério.

T102 - Hermengarda Schnaider *1913 aprox.

T103 - Olivia Schnaider *1914 aprox.

T104 - Claudia Schnaider *1916 aprox.

- T105 - Oswaldo Schnaider *20.2.1918 †27.5.1954, sepultado mesmo cemitério.
- T106 - Arno Schnaider *28.1.1921 †20.3.1968, sepultado mesmo cemitério.
- T107 - Ruth Schnaider *1922 aprox.
- B44 - Cecilia Schnaider, falecida solteira em Blumenau.
- E45 - Olga Schnaider, id
- B46 - Antônio Schnaider X Emilia Hannemann, residiam Gaspar, sem filhos.
- B47 - Claudio Schnaider *6.8.1886 †18.8.1928 Itajaí X 1915 Itajaí com Fredisvinda Mello *27.12.1885 Itajaí †1969 Itajaí. Pais de 11 filhos todos nascidos em Itajaí:
- T108 - Rubia Cecilia Schnaider, reside Blumenau, X Ricardo Schwanke *Luiz Alves, foi coletor estadual em Blumenau onde faleceu recentemente. Pais de 4 filhos, um falecido.
- T109 - Arlete Lucia Schnaider, solteira, reside Blumenau.
- T110 - Carlos Telmo Schnaider, faleceu pouco depois de nascer.
- T111 - Maria Francisca Schnaider X Henrique Schwanke, diretor da Cia. Fabril Lepper, pais de 3 filhos, residem Joinville.
- T112 - Gelia Claudia Schnaider, solteira, reside Itajaí.
- T113 - Clea Regina Schnaider, solteira, reside Itajaí.
- T114 - Glauco Victor Schnaider, solteiro, reside Rio de Janeiro.
- T115 - Odilon Braulio Schnaider, †2 anos de idade.
- T116 - Lamartine Celio Schnaider, †7 meses de idade.
- T117 - Odilon Lamartine Schnaider, †pequeno.
- T118 - criança falecida pequena.
- B48 - Francisco Schnaider *1889 †6.11.1902 Blumenau, com 13 anos.
- B49 - Octavio Schnaider X Hilda Souza *21.12.1900 †18.7.1960 Blumenau.



HISTÓRIA DA SOCIEDADE DE RIO DOS CEDROS

NARRADA POR ANDREA LARGURA EM 1900

(Tradução do italiano e arranjo do P. Victor Vicenzi)

Desde 1893 existiu em Rio dos Cedros uma Sociedade denominada "Società del Tabaco", da qual faziam parte 80 colonos italianos.

Essa Sociedade, através do mercado do Rio de Janeiro, conseguiu colocar imediatamente 3.000 arrobas do seu produto, que teve consequências desastrosas.

Devido provavelmente a eclosão da revolta da Armada naquele ano, somada ao artigo até então desconhecido, ou ainda devido a marca humilde que trazia na sua embalagem de "Società del Cedro", o pagamento chegou aos sócios com 6 meses de atraso, minguado e inferior ao que esperavam, quando já estava praticamente pronta a nova safra. Isto foi bastante, para que a sociedade fosse liquidada. Todos os sócios se retiraram, temendo piores resultados.

Entretanto uma nova tentativa foi lançada. Fundar uma "Società Mutuo Socorso", com Estatutos próprios e capaz de poder se transformar em Cooperativa. 50 colonos se inscreveram nesta nova arrancada e animados dos melhores sentimentos de progresso, não mediram sacrifícios e esforços, cada qual cumprindo com zelo e amor o seu dever, enfrentando o calor, o frio, a chuva e as estradas em péssimas condições de trânsito, para obter a alegria de ver realizado o seu propósito.

Mas também, desta vez, o colono, na dúvida de obter lucros satisfatórios imediatos, como pensava, abandonou a iniciativa e desanimado desligou-se da recém-nascida organização social.

Em 1899, outro grupo de 19 arrojados colonos, persuadidos, que também nessas terras, a exemplo de outras, seria possível a existência de uma Cooperativa, abriu sem mais, uma loja com artigos diversos de consumo. Essa nova iniciativa, apesar das críticas e descofianças, conseguiu resultados positivos, embora pequenos. Diante disso, lançou-se à compra de fumo para exportação. Era preciso, porém, que alguém abrisse para o novo artigo, sua comercialização.

Andrea Largura prontificou-se para tanto. Embarcou em Itajai para a Alemanha no navio Normandia. Em Hamburgo e Bremen, teve os primeiros contatos com os grandes importadores desse artigo, que já em parte estava sendo adquirido em Blumenau mesmo. Depois de 18 dias de discussões e diálogos, nada conseguiu, a não ser deixar em consignação os fardos de fumo que o haviam acompanhado a título de amostra.

Largura nada mais podendo fazer em benefício da Sociedade, resolveu voltar para casa imediatamente, para não agravar a situação da Cooperativa em consequência do malogro das negociações com as Firms importadoras do estrangeiro.

Ao chegar a Desterro (Florianópolis), foi informado que o novo cônsul da Itália, era Gherardo Pio di Savoia, príncipe da Casa Real de Savoia. Na certeza de obter uma audiência com ele, apressou-se em requerê-la, o que lhe foi concedida. Depois de uma longa conversa, o cônsul estranhou como podia um homem sem conhecer a língua, as pessoas e o comércio, tratar na Alemanha de assunto tão delicado. O Príncipe então prometeu-lhe interessar-se pela Sociedade de Rio dos Cedros, tomando contato com os importadores de Roma, na Itália. Assim aconteceu. Depois de 8 meses de negociações, a Cooperativa, auxiliada burocraticamente pelo Dr. Giovanni Rossi, exportava seus 10 primeiros fardos de fumo para Roma, a título de propaganda, o que lhe valeu uma boa aceitação e encomenda de novas remessas.

Ao chegar a Blumenau da volta de sua longa viagem, no dia 27 de agosto de 1899, Largura, recebeu pelo correio um ofício da Alemanha com a grata notícia que a quota de fumo de 602 arrobas, deixadas em consignação em Bremen, já tinham sido vendidas. Acompanhava o ofício uma ordem de pagamento no Banco de Blumenau, juntamente com novo pedido de fumo.

Deduzidas as despesas de viagem, os sócios da Cooperativa recebiam ainda em dinheiro, uma quantia praticamente igual aos que tinham vendido o produto aos compradores locais.

Assim animada por esses bons negócios, a "Società del Cedro", abriu caminho para a Itália, Alemanha, Rio de Janeiro e Santos. Em 1900 ela já contava com mais de 62 sócios. Tudo corria muito bem, graças a boa administração e coragem dos seus componentes. Cada família compradora na Sociedade, tinha a sua contabilidade em livros comerciais próprios onde tudo era especificado. (Esses livros ainda existem muito bem conservados em dois arquivos particulares). O fumo então que era comprado por 9\$000 a arroba, passou imediatamente a 12\$000, vindo desta forma beneficiar não somente os sócios da Cooperativa, mas também os particulares que o vendiam a outras entidades.

Os sócios tinham crédito fácil para qualquer artigo, como também, acesso aos empréstimos, sementes selecionadas, assistência técnica do Dr. Rossi e outros benefícios.

Todos estavam satisfeitos e apesar da campanha desmoralizadora movida por elementos regressistas e invejosos, a Sociedade progredia a olhos vistos.

O povo, afirmava Andrea Largura, deve se unir cada vez mais numa grande confraternização, cujo objetivo é o bem estar de todos. O exemplo dos italianos em Rio dos Cedros reunidos em sociedade à sombra do manto puro e imaculado "Pão e Trabalho", servirá para honrar a sua nova Pátria Brasileira e engrandecer a Itália, a Pátria que deixaram. Ao grito: Viva a Sociedade de Rio dos Cedros, farão eco os filhos e os sucessores dos heróis que a fundaram, nos séculos futuros. Assim os imigrantes italianos se orgulham por ter deixado em terras riocedrenses um marco de progresso em benefício unicamente do colono que tanto precisa.

Padrões Médios Estacionais do Clima Regional do Vale do Itajaí

A. SEIXAS NETTO

Do conhecimento deste Clima Regional, englobando as necessárias diferenciações das suas três secções, pode estabelecer-se uma série de padrões médios estacionais, válidos para um prazo de 10 anos. Dá-se este prazo porque o sistema Climático da Terra, e os sub-sistemas locais, estão em mutação constante, tanto do ponto de vista Astrofísico, -(exaustão progressiva da Atmosfera até a extinção total⁽¹⁾)-, como do ponto de vista topoclimático, isto é: Intrusão de cidades, povoações, plantações alienígenas, estradas de asfalto ou pedra, mutações de bacias hidrológicas, etc.

Assim, a característica dum clima nunca é constante e estável no curso dos anos. Todavia, a variação em 10 anos pode ser considerada para uso dum padrão-médio de comportamento. E para este comportamento é preciso notar que as Estações Astronômicas do Ano não ocorrem na mesma data das Estações Climáticas, sendo que estas ocorrem atualmente com início 29 dias mais cedo do que aquelas; as Estações Astronômicas do Ano se iniciam precisamente com a chegada do Sol horizontal nos Solstícios e nos Equinócios, havendo, assim, realmente, 8 estações do Ano, quatro no Hemisfério Norte e 4 no Hemisfério Sul, em datas opostas.⁽²⁾

Sobre o Mar Atmosférico, atuam forças como a aceleração da gravidade lunar, da gravidade terráquea, o *meio cósmico local* do momento, e outros valores que somente o meteorologista-astrônomo pode perceber. É cabe esclarecer que o *meio cósmico* do momento de cálculo é importante porque a Terra nunca está no mesmo lugar no Cosmo, mas, com todo o Sistema de Planetas do Sol, desloca-se, a 20 quilômetros por segundo, na direção do *Ápice-Wega*. Daí a razão do *padrão climático* ser variável constantemente. Mas estes mesmos elementos podem fornecer um *padrão médio* para um máximo de 10 anos, que é o que sintetizamos a seguir para o Clima Regional do Vale do Itajaí.

1) - Ver o mecanismo deste comportamento no livro GÊNESE ESTELAR E CONCEITO DE UNIVERSO, do Autor, Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina, 1969, pags. 41 à 48.

2) - É errado dizer que no ano ocorrem 4 estações climáticas na Terra. Deve distinguir-se bem claro que são 4 Estações no Hemisfério Norte e 4 no Hemisfério Sul, completamente distintas e opostas entre si, como por exemplo: Verão no Hemisfério Norte corresponde a Inverno no Hemisfério Sul. Isto é decorrente da posição da Terra sobre sua órbita, de 23°27'. Portanto, um comportamento astronômico. Daí o distinguir-mos ESTAÇÕES CLIMÁTICAS e ESTAÇÕES ASTRONÔMICAS.

Início das Estações Astronômicas no Hemisfério Sul

VERÃO — Entre 22 e 23 de dezembro (As estações não começam à mesma hora todos os anos).

OUTONO — Entre 20 e 21 de março.

INVERNO — Entre 22 e 23 de junho.

PRIMAVERA — Entre 23 e 24 de setembro.

A correspondência com o Sol-horizontal é:

Verão — O Sol chega ao máximo sul, no Trópico de Capricórnio(*), ocorrendo o Solstício de Verão-Sul (É Inverno ao Norte).

Outono — O Sol chega ao Equador, vindo do sul, ocorrendo o 1º Equinócio. (É a Primavera ao Hemisfério Norte).

Inverno — O Sol chega ao Trópico de Caranguejo. É o Solstício de Inverno-Sul. (No Hemisfério Norte é o Solstício de Verão).

Primavera — O Sol retorna ao 2º Equinócio vindo do Norte. (É o outono no Hemisfério Norte).

A diferença Climatológica, modulada pela poli-espiral polar(**) do Polo Sul, com seis grandes braços emissores de ar frio pesado, é de, em média, 29 dias antes das datas astronômicas. Assim, temos:

VERÃO Climático — Inicia-se antes de 25 de novembro.

OUTONO Climático — Antes de 24 de fevereiro.

INVERNO Climático — Antes de 25 de maio.

PRIMAVERA Climática — Antes de 25 de agosto.

Para o Clima Regional do Vale do Itajaí, devido situar-se entre o Oceano e um anel de Montanhas, os valores acima podem ser percebidos entre 3 a seis dias após as datas Climatológicas indicadas. Para os outros Climas Regionais do Estado os horários variam.

(*) — Em Astronomia, correspondendo ao fato atual, o Solstício Sul não ocorre mais em Capricórnio. Este Trópico só teve validade efetiva até o ano 64 A. C.. Em nosso livro AS CONSTELAÇÕES estão indicados os pontos Solsticiais e Equinociais válidos até o ano 2.150 A. D.

(**) — Aos braços dessa poli-espiral polar demos o nome de Rios Atmosféricos de AR FRIO. Sobre o CONTINENTE DA AMÉRICA DO SUL correm três desses rios, rumo ao Equador. Ver o mecanismo desses rios em nosso estudo: COMPORTAMENTOS DA ATMOSFERA NA AMÉRICA DO SUL.

História e consciência nacional

CELESTINO SACHET

Os cem anos da Imigração Italiana em Santa Catarina começam a madurar seus primeiros frutos.

Longe das cátedras universitárias ou das burocracias parasitárias, meia dúzia de pesquisadores - distribuídos nos pontos estratégicos dos fatos se meteram à caça de documentos e informações, deram asas ao seu amor pelo passado e pelos que passaram, e o resultado aí está.

Tivemos, primeiro, o Pe. João Leonir Dall'Alba com *Pioneiros nas Terras dos Condes* (colonização de Orleães) e depois, com a *História de Braço do Norte*.

Em Criciúma José Pimentel e Mário Beloli conseguiram trazer a público a *Mini Biografia de um Pioneiro: Marcos Rovaris* e o *Tímido Ensaio Biográfico de Giacomo Sônego*. Isto nos anos de 1971 e 1972.

Saltando do Sul para o Vale - que italianos os há, e em abundância, junto às margens nem sempre tão plácidas do Itajaí -, em 1970 Miguel Deretti compareceu com Apiúna nos meus Apontamentos. No ano passado, junto com as autoridades italianas que para lá se dirigiram, o Pe. Victor Vicenzi entregava ao público e à festa dos Cem Anos, a sua *História de Rio dos Cedros*.

Neste ano da graça de 1976 foi a vez do ascurrense José E. Finardi, "filho e neto de pioneiros" editar *Colonização Italiana de Ascurra*.

Sempre que um livro novo - ou de autor que pareça novo - me chega às mãos, corro a pescar informações sobre ambos.

Pois José E. Finardi não é estreante. Professor e jornalista vem se dedicando à crônica, à poesia e à ficção desde 1945 quando publicou *Enquanto Houver Saudade* (novelas). Um ano depois, seria a vez de *E a Vida Continua* (crônicas) e, em 1947, *Angústia Infinita* (poesia).

Trinta anos depois - e devem ter sido os trinta anos da luta pelo "pão-nosso-de-cada-dia" - que letras em Santa Catarina não conseguem dar pão a ninguém -, nasce o historiador. O historiador preocupado com o fato de que "o Brasileiro não ama - e muito menos conhece a sua História"; o historiador que pensa como Paulo Setúbal para quem "o amor do passado, o relembrar carinhoso da tradição a evocar datas e feitos e apoteosar heróis, são os nós eternos que amarram as gerações umas às outras".

O livro foi escrito partindo do princípio de que "a consciência nacional de um povo decorre de sua consciência histórica. Um povo que não conhece sua história, é, pois, um povo sem consciência nacional". (p. 14)

Embora o Autor diga que se limitou a coligir fatos e fastos relatados... "pouco acrescentando de nosso", o resultado é este: o que poderia ser uma simples crônica saudosista de um neto apaixonado pelos seus vovós, é, na verdade, um exemplar trabalho de pesquisa e de realização.

A 15 de novembro de 1876 fazia-se a entrega oficial, pelo dr. Blumenau, dos 10 primeiros lotes - de um total de 129 - destinados a famílias de imigrantes italianos "pobres camponeses a quem tudo faltava" (p. 17). A

nova Colônia viria chamar-se *Ascurra* em homenagem à vitória alcançada pelas tropas brasileiras na localidade fortificada de Ascurra, quase no fim da Guerra do Paraguai (1869).

Um dos pontos altos do trabalho, localiza-se na Segunda Parte do livro - católicos que eram os fundadores -, nos é apresentada a *Vida Religiosa* "repleta de divergências e episódios, edificantes uns e lamentáveis outros, todos, sem dúvida, movidos pelo arraigado sentimento religioso de que... eram imbuídos os pioneiros e seus descendentes".

Dentre as figuras dos diversos padres que passaram pela nova Colônia, José Maria Jacobs é o exemplo perfeito do Sacerdote e do Homem: "de gênio severo, caráter altivo, excessivamente áspero no falar, interessante e sobretudo autoritário, jamais admitia curvar-se a quem que fosse, senão à vontade de Deus" (p. 58).

A descrição do episódio de seu terceiro processo - por haver realizado um casamento religioso antes do civil - e da consequente prisão, com envolvimento de cerca de 90 colonos, demonstra estarmos diante de um pesquisador honesto e de um cronista senhor da palavra e da arte de narrar.

Também dos mais incríveis - e dos mais tristes - é o episódio da edificação da primeira capela e da escolha dos padroeiros.

A capela primitiva "de pau a pique, pequena, de paredes de ripas entremeadas de barro, e coberta com folhas de uma palmeira" foi dedicada a Santo Ambrósio. "Para adoção deste santo para padroeiro, entretanto, surgiram divergências entre os pioneiros. É que para diminuir a saudade que sentiam dos santos que veneravam nas aldeias de sua origem, os pioneiros, provindos que eram de diferentes localidades, se dividiram quanto ao orago, uns chefiados pelo paduano Andreas Zonta, querendo Santo Antônio e outros, tendo à frente Giovanni Chiarelli, queriam São Matteo" (p. 41).

Das discussões ao rompimento um passo. E, por dezenas de anos, Santo Ambrósio e a Sagrada Família (capela dos dissidentes) haveriam de pelejar entre si. Sem dizer de Nossa Senhora das Dores que, de Rodeio, com os Franciscanos à frente, haveria de tumultuar a irrequieta catolicidade das italianas gentes perdidas em brasilicas terras.

Levantadas as bases históricas e humanas - depois de nos ter feito desfilar as *Lideranças Ascurrenses*-, o Autor passa a dedicar-se à vida político-administrativa, dos primeiros tempos aos tempos que estamos vivendo. Entremendo fatos, com Atas e Documentos, José E. Finardi desfila um lote de informações que não de servir - e muito-, tanto para o historiador de outras comunidades, quanto para o analista e o sociólogo de amanhã.

Antes de iniciar a leitura das duzentas páginas de um livro de História de uma pequena comunidade, o leitor fica intrigado e se pergunta: "um pingo de colonos, saídos de outras terras, pode fazer e pode ser História?" E "o que leva alguém a pesquisar fatos e a escrever páginas de abrangência tão restrita?"

Colonização Italiana de Ascurra responde mais do que "sim" à primeira indagação. José E. Finardi responde mais do que o necessário à segunda: nada mais Universal do que o Homem localizado e circunscrito. Nada mais Nacional do que o amor gostoso ao cantinho da terra e da natureza que recebeu nossos primeiros passos.

EDUCAÇÃO E SOCIEDADES TRIBAIS

SANTOS, Silvio Coelho dos. Educação e Sociedades Tribais. Porto Alegre, Movimento, 1975.

O trabalho do antropólogo Silvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina, foi elaborado com o objetivo de esclarecer as possibilidades e os limites da educação formal que viessem a contribuir para a descoberta de melhores condições de vida para as populações tribais no sul do Brasil.

O Autor, ao elaborar o projeto de pesquisa, pressupôs inicialmente que poderia ser possível uma compatibilização do sistema escolar vigente no País para atender às especificidades apresentadas pelas comunidades indígenas, particularmente às suas tradições culturais e às condições de convívio mantido com a sociedade nacional.

Entretanto, no decorrer das suas pesquisas, foi levado a reorientar seus pressupostos, pois, como ele declara objetivamente, (...) não havia o que compatibilizar. A escola que está à disposição dos indígenas, baseada no ensino monolíngüe e numa programação destinada ao atendimento das populações rurais, nada oferece para as comunidades tribais. (p. 11)

O presente trabalho é fruto de investigações desenvolvidas entre 1973 e 1974, através de um "survey" em 19 postos indígenas existentes na região sul, com o intuito básico de esclarecer "como o índio vivia numa determinada comunidade" é "o que a "comunidade escolar estava oferecendo concretamente a ele".

Quando da elaboração do seu estudo (1973) a estatística apurada acusou a existência de 7809 indígenas, distribuindo-se assim: Grupo Kaingang, 6616 indivíduos (84,72%); Grupo Guarani, 878 (11,95%); Grupo Xokleng, 270 indivíduos (3,93%) e os 8 indivíduos do Grupo Xetá (0,1%). No capítulo I, o título "Grupos tribais sobreviventes no Sul do Brasil" choca pelo seu aspecto real, onde o Autor relata a "larga e quase sempre dramática experiência de convívio com a sociedade nacional" (p. 15), história sucintamente os contatos desses grupos com a nossa sociedade (nacional), as consequências sofridas pelos índios durante a ocupação e colonização dos territórios a eles anteriormente pertencentes.

Oferece-nos uma excelente visão de como se comportam as relações de subordinação dessas comunidades com a sociedade regional no capítulo II, de alta significação para os dias atuais, quando ocorrem questões relacionadas à exploração dos recursos florestais (madeira, pinheiro, sassafraz, palmito) e em nada os índios se beneficiam com a derrubada de suas florestas. Afirmções do Autor, como as que seguem, demonstram inequivocamente as desvantagens que têm os indígenas em comercializar com a sociedade regional:

O acordo tácito que parece haver na sociedade regional para manter os indígenas sob tal quadro de espoliação, efetivamente decorre da visão que deles se tem. Parece claro que os indígenas fazem parte de um outro universo que não o "civilizado". Integrariam uma outra casta evidentemente inferior. Isto facilita compreender porque os indígenas são tão aviltados nos mais diversos momentos em que participam do processo produtivo. A desvalorização de sua produção é um outro item bastante esclarecedor. Normalmente os excedentes indígenas, ao serem colocados no mercado regional, sofrem clara discriminação, reduzindo-lhes o valor. (p. 34)

Abordando a organização e atividades de assistência governamental aos índios, o Autor diz que a vinculação da Fundação Nacional do Índio ao Ministério do Interior, que é um organismo voltado a proceder o desenvolvimento interno do País, utilizando, para tanto, diversas superintendências Regionais destinadas a dinamizar a iniciativa privada com vistas à abertura de novas frentes econômicas, impossibilita a FUNAI de assumir, dentro desse Ministério, posições que eventualmente possam ser contrárias aos seus objetivos; e conclui:

Assim, ao se vincular a FUNAI ao MINTER, se decidiu firmar a visão empresarial e, em consequência, utilizar o indígena em seu potencial de produção e consumo, além do seu patrimônio, como instrumentos da prática de desenvolvimento interno. (p. 39)

Além dessa crítica à política do indigenismo oficial, vale ressaltar as análises em que se deteve o Autor: o sistema de localização das "vilas", o recrutamento da mão-de-obra indígena e a implantação de projetos econômicos.

A "vila"

foi uma tentativa extemporânea de urbanização dos silvícolas, que acabou facilitando ainda mais o domínio da sociedade envolvente. Na "vila", entre outros males, o índio não tem condições de possuir animais de criação e sua roça fica distante. Estimulou-se, assim, o trabalho do índio para os regionais, na condição de mero detentor de força de trabalho;(...). (p. 82)

A contribuição teórica mais interessante está nos dois últimos capítulos, reservados, um à educação e minorias tribais no Sul do Brasil (IV) e outro (V), às possibilidades e limites da educação. Para SANTOS

Imaginar a utilização da educação formal como solução para conduzir uma sociedade a melhores condições de vida sócio-econômica é ingênuo. (p. 71)

SANTOS explica que:

Sendo a educação formal um instrumento do processo de socialização particular a sociedades complexas, deve-se pensar que a sua utilização junto a populações tribais minoritárias, portadoras de situações históricas e culturais bastante diferenciadas, exige permanente reavaliação e contínuos reajustes. (p. 71)

A existência junto às comunidades indígenas de programas de ensino monolíngües, que utilizam uma sistemática escolar destinada aos

brancos e empregam professores sem formação adequada e desconhecedores da realidade sócio-econômica e cultural da sociedade tribal, demonstra claramente que a educação em si nada ou pouco adianta. (p. 71)

Condena a educação oferecida às comunidades indígenas, na forma de ensino monolíngüe, pois "(...) está coerente com os anseios de dominação e espoliação dos índios por membros privilegiados da sociedade envolvente". (p. 73)

Partindo dessa observação, estabelece uma conclusão:

(...) a escola, o programa de ensino e o professor, efetivamente, representam o domínio exercido pelo mundo dos brancos, seja quando orientam os componentes das novas gerações indígenas para o aprendizado da língua portuguesa, preparando tais contingentes para a ocupação de funções no mercado de trabalho regional, que tem baixa remuneração, ou encaminhando-os para a faixa dos consumidores; seja quando facilitam a disseminação de estereótipos, justificadores dos quadros de submissão e domínio. (p. 73)

SANTOS aconselha, para objetivamente se alcançar uma reformulação dessa política: "Os reais interesses dos indígenas têm de ser (...) investigados sistematicamente, (...). (p. 73)

Defende a implantação da educação permanente em oposição à educação tradicional monolíngüe ou bilíngüe, e, para viabilizá-lo, afirma que há necessidade de uma revisão de diversas posições estabelecidas pela FUNAI, principalmente aquelas ligadas à idéia de levar o indígena a participar de processos de produção dos quais ele não se beneficia dos resultados auferidos e de reequipar o órgão de assistência com pessoal técnico e científico em número suficiente e capaz de aproveitar a experiência internacional, além de se valer do potencial representado pela universidade brasileira. (p. 83)

Nas conclusões deste seu valioso livro para as Ciências Sociais, o Prof. Silvio Coelho dos Santos nos dá subsídios teóricos para uma Antropologia Aplicada em se tratando de educação permanente, idéia que defende assim:

A educação permanente, como imaginamos, não está sujeita à existência de espaços físicos determinados, como a sala de aulas, nem tampouco limitada a horários ou personagens definidos. Imaginamos uma educação promovida por todos os elementos "civilizados" em trabalho no posto e voltada para oferecer aos indígenas ensinamentos e informações destinadas à sua utilização prática, em forma de respostas aos problemas do cotidiano. A alfabetização, em bilíngüe, estaria assim colocada em plano secundário, pois acreditamos que o fundamental é instrumentar o indígena para enfrentar e sobreviver às condições geradas pelo seu convívio com a sociedade nacional, caracterizada como individualista e baseada numa sistemática de produção capitalista; (...). (p. 83)

AFONSO IMHOF,
do Curso de Pós-Graduação em Ciências
Sociais da Universidade Federal de
Santa Catarina

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

A MODERNIZAÇÃO E AS ELITES EMERGENTES: A CONTRIBUIÇÃO ALEMÃ, de Walter F. Piazza

Publicado na revista "Blumenau em Cadernos" durante vários números seguidos, este trabalho do Professor Walter Piazza foi reunido num volume, constituindo-se numa separata da revista.

O autor nos apresenta um quadro geral do povoamento e da colonização em Santa Catarina, com interessantes dados estatísticos, para, em seguida, passar ao estudo propriamente dito das elites emergentes do Estado. Para ele, esta elite é composta pelos "imigrantes que, pelo seu trabalho, ascenderam social, econômica e politicamente no contexto da vida brasileira". O autor justifica que seu trabalho poderia enfocar inúmeros e ilustres imigrantes italianos, portugueses, belgas ou franceses. Todavia, como o estudo do Professor Piazza se propôs ao levantamento da contribuição alemã ao desenvolvimento nacional, ele permanece em torno de nomes apenas germânicos. Desfilam assim Heinrich Hosang, Hermann Hering, Carl Hoepcke, Marcos Konder, Carlos Renaux, e muitos outros, num total de 16 interessantes biografias. Tão interessantes, que muitos descendentes dos biografados, lendo o livro, acabaram tomando conhecimento de fatos até então inéditos para eles. A obra pode ser obtida na Fundação "Casa Dr. Blumenau".

DESTERRO - JORNAL CATARINENSE DE CULTURA Nº 1, setembro de 1976.

Um fato auspicioso e que merece destaque especial é o aparecimento do jornal "Desterro", editado na Capital.

Seu Conselho Editorial conta com os nomes de Carlos Damião, Cesar Valente, Emanuel Medeiros Vieira, Pedro Rort e Raimundo Caruso.

Já era tempo de surgir um mensageiro da cultura barriga-verde, mais acessível ao público, vendido nas bancas.

A revista que acolhe o presente artigo, "Blumenau em Cadernos", aparece sistematicamente há 17 anos e é, até agora, a única revista mensal que, sem interrupção, divulga há tanto tempo a cultura de Santa Catarina, aqui e lá fora.

Paralelamente, existe a revista SIGNO, órgão oficial da Academia Catarinense de Letras, em seu quinto número. O primeiro, foi editado em janeiro de 1968 e por aí pode-se ver que sua periodicidade é bastante incerta.

O "Suplemento dominical" do JORNAL DE SANTA CATARINA também dá guarida às manifestações culturais.

A imprensa chamada "nanica" comparece com "O Cogumelo Atômico", de Brusque, e "O Acadêmico", de Blumenau.

Afora isso, o "Caderno de Sábado", do jornal gaúcho CORREIO DO POVO abre espaço de quando em vez para matérias de autores nossos.

Agora, porém, tem-se a impressão de que DESTERRO apareceu para divulgar com destaque os trabalhos de jovens poetas e contistas, especialmente os valores novos e inéditos.

E a iniciativa é bastante arrojada. Os próprios editores reconhecem, no Editorial, que o jornal não tem dinheiro e não visa lucro, e que o Conselho Editorial e os Colaboradores correm com as custas da publicação.

Por este fato, estamos torcendo pelo sucesso da iniciativa, que esperamos ver vitoriosa, pois nascida de tanto arrojo.

Neste número de estréla aparecem várias seções, aproximando leitores de colaboradores, e vice versa, além de uma entrevista com Ricardo Hoffmann, autor dos livros "Superfície" e "Crônica do Medo", de quem também aparece um conto: "A Intervenção".

Uma página é dedicada inteiramente a poemas; outra a um ensaio de José Guilherme Merquior sobre a "Responsabilidade Social do Artista".

DESTERRO custa Cr\$ 5.00 e está nas bancas. Comprem. O idealismo de alguns merece ser prestigiado por todos.

INAUGURADA NO DIA 17 DE OUTUBRO A PONTE DO ANEL VIÁRIO NORTE

O Plano Diretor Físico-Territorial do Município de Blumenau fixou, como obra prioritária, a implantação de um novo Sistema Viário para desafogar a trama viária existente, já sobrecarregada. Para tanto, definiu-se 2 Anéis Viários: O Anel Viário Norte e o Anel Sul, que se constituirão em vias de escoamento rápido do tráfego urbano e intermunicipal.

O Anel Viário Norte, ligando a BR-470 à SC-23 (Rodovia Jorge Lacerda) pelo norte da Cidade, foi o primeiro a ser implantado estando já pavimentado em mais da metade de seu percurso de 10,7 Km. O gabarito total de seu traçado compõe-se de 4 pistas, sendo 15 m para o fluxo viário e 14,5 m para os acostamentos, ciclo vias (pistas p/ bicicletas) e passeios, de ambos os lados totalizando 29,5 m.

Seu custo, incluídos projeto de execução, obras e desapropriações, eleva-se a Cr\$ 14.708.267,68.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 25,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior, Cr\$ 50,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

Ao que se sabia ninguém descobrira ainda quem fizera desaparecer Cabrijo e seus comparsas. O indivíduo encontrado por Nestor em sua viagem para Canoinhas só podia ser mesmo um rastreador. Esses "caras" tinham faros pior que cachorros e dificilmente erravam em suas conclusões. O rastreador desvendaria o mistério e disso Nestor não duvidava. Conhecia por demais esses vaqueanos farejadores. Vivendo em constante perigo e não temendo nem o diabo ele se firmou em sua coragem e decisão. Sua boa estrela o conduzira até ali. Somente fugiria se visse a Estância destruída. As artimanhas do rastreador para consecução de seus planos lhe infundiam receio. Precavido como era avisou os seus homens que prendessem todo e qualquer indivíduo que pusesse os pés na Estância. Mesmo mulheres com parte de pedir esmolas deviam ser enxotadas. Geralmente eram espãs a serviço dos jagunços. Sabia que mais dia, menos dia seria descoberto. Todavia defenderia com unhas e dentes o patrimônio levantado à custa de um trabalho perseverante e rijo.

Reinou por meses completa calmaria. Ouviam-se rumores de carnificinas para outros lados. Para o lado de cá estava tudo calmo. Era como o prenúncio de uma trovoada. As nuvens vão-se acumulando. Os ventos cessam. Reina o mormaço. Nenhuma folha balouça. Tudo na mais perfeita calma. De repente, o vento, um relâmpago, o ribombo do trovão e o temporal suspenso no ar desaba sobre a terra. Tal era o decorrer dos dias da Estância. Tudo seguia seu curso normal. Um dia, porém, apresentara-se na Estância um bando de índios que entendeu de roubar gado. Rechaçados pelos peões, retornaram à noite. A canzoada resolveu atacar e Neco Batista e seus homens com tiros no ar afugentaram os intrusos sem causar vítimas. Sem outro acidente grave aproximou-se o dia do casamento.

x x x

Chegada a época do casamento, novamente determinou tudo. Neco Batista e um fazendeiro vizinho seriam as testemunhas do casamento. Sebastião Lourenço era o terceiro homem mais respeitado da Estância. Ele comandaria os homens na sua ausência. A propriedade ficaria em boas mãos. Seguiram até Arroio Fundo que alcançaram no segundo dia à tarde.

Como residisse ali um tio de Batista, este pediu para fazer-lhe uma visita. Nestor acedeu e seguiu adiante até uma bodega. O fazendeiro amigo foi adiante até Lageado onde queria visitar um fazendeiro amigo o velho Padilha.

Nestor apeou e entrando foi sentar-se num banco improvisado. Pediu um trago e tirando uma palha do bolso de dentro do paletô, aparou-a e pôs-se a picar fumo. Esfarelou-o e enrolou o "crioulo".

Havia mais pessoas naquela hora, uns conversavam entre si e olhavam de esquelha para o recém-chegado. Outros conversavam com o vendeiro que apressou-se em servir o freguês. Nestor alheio a tudo, esperando por Neco Batista, acendeu o "pito" e soltando uma baforada viu chegar um indivíduo posudo. Percebeu logo que era do tipo toureador, um fanfarrão, concluiu.

Dando com um estranho entrou a provocar. Nestor era um guapo rapaz de estatura acima da média. Era dos "erres": robusto, rude, rijo e sobretudo de não levar desaforo para casa. Tez entre morena e mulata. A cútis da face transparecia rósea. Pacífico por natureza, evitava encrencas onde podia.

Diante da provocação, de início quis retirar-se. Acostumado desde pequeno a não correr do bicho sem ver, deixou-se ficar. O sangue quente de jagunço não o permitiu. Olhando o provocador de frente, fulminou-o com chispas de seus olhos castanho-escuros. Se o outro não fosse bronco, teria imediatamente compreendido que o estancieiro não era de brincadeiras.

— Antonces, vancê não é home pra entra numa luta?

— -.-...

— Não gosto desses cara que vem de fora especulâ os que moram aquí. Vamos, vamos dê o fora. É surdo ou se faz de mal entendido?

— -.-...

Como não se resolvesse e ficasse calmo, no momento em que levou o cigarro à boca a ponta do chicote de Chicão, levou o cigarro pelo ar, espalhando o fumo. Nestor encarou-o numa calma de gelar e voltando-se para o vendeiro pediu que lhe desse um pedaço de carvão. Entregou ao vendeiro seu revólver e o punhal e recebendo o carvão disse:

— Guarde isso, por favor, e apontou para as armas.

Os que assistiam ficaram admirados. Era audácia demais. Chicão era o toruno da redondeza. Todos o respeitavam, bandido que era. Nestor já ouvira falar de suas façanhas, nada de novo sob a lua.

— Venha, convidou.

Chicão quis depor as armas. O estancieiro fez questão:

— Fique com as armas. Não quero que digam que dei num homem sem defesa. Só lhe peço, não erre o golpe.

Chicão soltou uma gargalhada sarcástica e berrou:

— Isto é demais, gente!

Meteu por dentro da cinta o "tatu", chicote de argola numa extremidade e na outra duas talas.

Nestor na rua com toda a pachorra esperou. Chicão avançou de punhal. Nestor aparou o golpe e passou-lhe o carvão na cara. Novo golpe e o toruno não foi mais bem sucedido. Nestor parecia um boneco de mola. Todos os golpes desciam onde ele não mais estava. Sua mão, no entanto, lambuzava sem cessar a cara do toureador. Este já levava uns dez riscos e estava furibundo com aquele parente de macaco que despistava sua agilidade com uma habilidade a toda prova, quando Nestor falou:

— Agora basta! e um golpe seco sobre o ante-braço do valentão fez o punhal enterrar no chão. Incontinenti Chicão sacou do 38, antes de puxar o gatilho já levava um risco. Detonando um tiro no ar o revólver criara asas e fora parar no outro lado de uma cabana. Mais um risco de carvão lambuzou a cara tristemente arruinada do Chicão. Atacado pelas fúrias sacou do chicote e desceu sobre o lombo de Nestor. Este negou o corpo. O chicote feriu o ar e o estancieiro aproveitou o espaço de segundos para riscar a cara. Quando novo golpe desceu, Nestor saiu por baixo e subiu pela barriga do Chicão e chegou-lhe o carvão. Saltando de lado defendeu-se do último golpe e arrancando o chicote de mata mouros jogou-o de lado. Este sem defesa mandou-lhe um pontapé. As tenazes de Nestor prenderam-lhe a perna e perdendo o equilíbrio Chicão estatelou-se. Antes de se por de pé recebeu mais uma carvoada. Refeito, ia pular sobre o cavalo. Nestor prontamente segurou as rédeas e ordenou: - Vá buscar as armas.

Nesse instante chegou Neco Batista. Olhou para Nestor, olhou para o Chicão e não pôde deixar de rir, ante o estado miserável em que se achava a cara do turuno. Conhecia o patrão. Essa, porém, lhe era desconhecida.

— Neco, faça o favor de buscar, atrás da cabana, o revólver do homem. Caiu ali por descuido. O punhal Nestor mesmo arrancou da terra e o entregou ao famoso bandoleiro. Alguém entregou-lhe o chicote que Nestor jogara de lado. Entregou-o ao Chicão com estas palavras:

— O homem deve partir armado. É perigoso andar desarmado nesses dias. Neco trouxe o revólver que Nestor teve o cuidado de descarregar, embolsando as balas e passando-lhe a arma vazia, exclamou:

— Pode carregá-la depois, agora tudo está calmo, não há inimigos a vista, esses aqui são de paz. Vá com Deus.

Chicão a essas horas desejava que a terra o engolissem, quisera desaparecer.

— Agora já pode limpar o rosto, a luta terminou. Pode ir. Chicão montou e o estancieiro soltando as rédeas, falou:

— Até a volta! amigo, faça bom proveito.

Chicão engoliu o sapo, o maior de sua vida perversa, chegou as esporas no flanco do animal que arrancou desaparecendo numa nuvem de pó. Nunca mais se teve notícias dele. Foi cantar noutra freguesia. Pudera, não!

Nestor pediu suas armas, metendo o revólver no coldre e o punhal na bainha, pagou o trago ao vendeiro, agradecendo. Com um "Até amanhã"! partiu em companhia de Neco rumo a Bela Vista. O sol declinava por trás dos pinheiros, derramando frouxos raios de luz dentro da nostalgia da tarde. Entre os dois homens só se ouvia o picar dos cascos no chão duro. À noitinha bateram à casa de Marcos e dentro de pouco chegou o fazendeiro amigo, seu Zacarias.

Com grande alvoroço foram recebidos. Elisa veio receber o noivo em todo o esplendor de sua juventude. Vinha limpando e enxugando as mãos no avental. Por uns momentos Nestor esqueceu os demais. Era todo olhos para aquela figura de mulher, que fora o seu sonho durante tantos anos. Cumprimentou-a com toda a efusão de seu coração enamorado. Elisa correspondeu com a mesma efusão. Trocaram palavras de boas vindas e entraram e Nestor passou a cumprimentar os demais.

Durante a ceia ele narrou o acontecido. Marcos advertiu ser Chicão um sujeito perigoso e à falsa fé poderia haver desforra. É um bandido. Não merece confiança.

Nestor agradeceu a advertência e acrescentou:

Há coisas que o homem esquece. Valentia é hoje para um, amanhã para outro. Há sempre um mais destemido, mais forte, mais ágil.

Rotunda lua surgia no horizonte e sua luz caía sobre as folhas das taquaras como sobre um relicário de prata. Uma coruja gargalhou num tronco seco de imbuia, outra respondeu dentro da noite. Um maçarico turturina no seu encurvado vôo desesperado. Uma estrela vinha espiar a lua e o espetáculo do cenário noturno despertava sonhos de prata.

Enquanto Marcos, Neco e Zacarias conversavam ao gosto do chimarrão, Nestor e Elisa sentavam-se na varanda. Por longos momentos meditaram dentro da noite. Depois sua conversa versou sobre os preparativos do casório. O padre fora consultado e já saíram os pregões. As testemunhas aí estavam. Pela casa de Marcos ia a azáfama dos comes e bebes. Perus, marrecos, frangos, galinhas, bacorinhos iam sendo imolados para o maior realce do grande dia. Macarronadas, arroz doce, doces em abundância, pães-de-ló bolo mais comum nesses dias.

Chegou o dia do casório. De uma madrugada serena surgia uma manhã sem nuvens. Um sol rotundo traçava limites nos contornos da montanha. Em breve inundava tudo de fulgurante luz. Do alto, a planície de Bela Vista parecia deitada ao sopé da colina como o cão de guarda ao pé do rebanho. Os cavalos foram encilhados. Dentro em pouco apareceu o noivo meio desajeitado na fatiota que mandara confeccionar para o dia, mas para a qual lhe faltava a elegância do traquejo. Mesmo assim conduziu-se da melhor maneira ao seu alcance. A noiva no seu vestido branco conduziu-se com certa graça ao apresentar-se ante o noivo. Ele a olhou embevecido e nem podia acreditar que chegara o dia pelo qual tanto suspirara e na Estância tanto lutara. Trocaram algumas palavras de amor que os corações apaixonados sabem murmurar em tais ocasiões. Em toda a imponência das vestes brancas, segurando com as mãos a cauda do alvo véu, Elisa encaminhou-se para o belo cavalo que a esperava junto ao cepo

onde costumava montar. Num salto elegante alçou-se à sela e partiu, sendo alcançada em breve por Nestor que cavalgava o seu baio e ia orgulhoso ao lado da mulher amada.

No terreiro, em frente à casa de oração um gaiteiro abrilhantou o cortejo, aberto pelos noivos, com músicas profanas não muito aplaudidas. Mas quem não tem cão...

Uma vez dentro de casa caminharam até o altar improvisado, onde um sacerdote se dispunha a celebrar o Santo Sacrifício, durante o qual se efetuará a cerimônia nupcial. Ali após um longo sermão, trocaram alianças. Ele que não tremera diante das intempéries, perante as ciladas do destino, agora trêmulo tomou a aliança e colocou-a no dedo da mulher suspirada. Ela com mais desenvoltura colocou-lhe o anel no dedo e levantou para ele aquele olhar que o fascinara para sempre.

"Até que a morte vos separe," pronunciou o sacerdote e deu continuação à cerimônia da missa, a que o jovem casal assistiu muito compenetrado.

A hora da consagração nesse tempo era anunciada pelo tilintar de campainhas. Acontece que não havia campainha, ou por esquecimento ou porque se perdera e o sacrista não teve dúvidas, deixou o altar onde servia e saiu a buscar o que? Nada mais que um cinerros tirado do pescoço do primeiro cavalo amarrado num dos moirões da cerca.

Deste modo na hora da consagração em vez do tilintar da campainha, ouviu-se o bolonguear do cinerros manejado pelo sacrista com a cara mais inocente deste mundo sublunar. Alguns riram outros acompanharam com toda a seriedade a "cara de pau" do sacristão. Terminada a missa, propriamente dita, foi distribuída a Comunhão e cujo início foi solenemente bolongueada pelo cinerros do sacrista. Acabada a cerimônia o sacrista partiu a recolocar o cinerros no pescoço do cavalo de onde o havia tirado. Voltou com a cara que Deus lhe deu e ajudou o padre a desparamentar-se. Este olhou-o seriamente e talvez quisesse dizer-lhe alguma reprovação, acabou não lhe dizendo nada.

Os noivos apareceram à porta da igreja e receberam os cumprimentos de estilo. Roncou mais uma vez a sanfona e pouco depois ambos cavalgando os soberbos cavalos rumaram para a residência da noiva. Lá, com muita alegria, esperava-os Marcos e a família que os havia antecedido. Ao abraçar-se com a mãe, Elisa chorou muito, chegou mesmo a soluçar. Reminiscências, emoções, saudades, dor pelo acontecido quando da primeira viagem à serral? Quem sabe? - Custou a desprender-se da mãe que lhe afagava o rosto e consolando-a pedia que não chorasse.

Curiosa é natureza humana, uma tristeza, uma comoção se apodera da alma e as lágrimas caem dentro de uma festa, como certas chuvas descem dentro de uma tarde quente de sol em pleno céu azul. No caso dela havia fortes razões para isso... Abraçou longamente o pai e por fim voltou-se para Nestor, testemunha muda da cena. Já não chorava. Ergueu para o marido aquele olhar que fora por anos o único incentivo para toda a brava conquista que conhecemos. Ele apertou-a nos braços e disse-lhe qualquer coisa sublime que a mente costuma ditar nessas horas de júbilo

intenso. Ela sorriu o sorriso mais lindo de toda a sua vida. Esse sorriso jamais se apagaria da mente de Nestor. Muitas vezes ela o surpreendia olhando-a e perguntava :

— Em que você pensa? e ele enlevado respondia:

— Penso no teu sorriso lindo.

Sentaram-se à mesa e lhes foi servido café com doces e pão-de-ló.

Terminado o café os homens reuniram-se em torno da mesa para o jogo de cartas e o chimarrão circulava entre eles. Gostosas gargalhadas estrondavam. Divertiam-se contando anedotas e piadas. Nestor de vez em quando deixava os homens e ia ver a sua Elisa, ocupada a conversar com mulheres e moças de sua amizade e que agora forçosamente teria que deixar. Ele sentia uma felicidade indizível. Realizara o grande sonho de sua vida. Depois de trocar umas palavras com a mulher amada voltava a conversar e da varanda da casa espriava o olhar sobre os faxinais, duplamente belos neste ditoso dia. O gado em pontas pastava aqui e acolá. Manadas de cavalos pasciam nas encostas e nos longes se perdiam os bosques pontilhados de verde-negras araucárias.

Enquanto ali em Bela Vista se desenrolava um mar de felicidade e todos se alegravam, rumores de guerra corriam pela serra, movimento de tropas, ferocidade dos jagunços cada vez mais temível. Nestor sabia o que se passava e em sua felicidade não esquecia a Estância, onde estavam seus bens que eram por outro lado a cobiça dos bandidos do famigerado reduto de Santa Maria.

Agora contemplando a longínqua distância que o afastava de lá seu olhar penetrava o mundo de solidão, saudade e melancolia. Que lhe reservaria o futuro?

Chegou a hora do jantar que era como chamavam a refeição do meio-dia. O novel casal tomou lugar à cabeceira da mesa. Correu um vinho gostoso. Muita alegria com brindes aos noivos. Após a refeição uns recolheram-se a dormir pelo paiol de milho e outros ficaram a conversar. Mais tarde roncou a sanfona e o pessoal divertiu-se dançando. Crianças dançaram e cantaram em rodinhas ensaiadas por uma senhora que há poucos meses viera aumentar o número de habitantes de Bela Vista. Nestor não dançou. Era arte que ele não conhecia. Elisa, segundo o costume da época, divertiu-se a valer. Nestor, por outro lado cantou sua felicidade ao som do violão e todos aplaudiram. Passou-se a tarde feliz. À tardinha os convidados se despediram desejando todas as felicidades e bênçãos do céu para o feliz par. Lentamente a noite desceu sobre a ventura de mais dois corações apaixonados.

C A P Í T U L O X I I I

Campano acompanhava com o coração confrangido a derrota do pinheiral. Como o gênio da floresta chorava a queda das queridas araucárias. Com ele soluçava a extinção daquela imensa riqueza. Os dias passavam e ele já velho muitas vezes foi encontrado junto às toras dos pinheiros

drribados, no dizer dele "horripavelmente descarnados", descascados, vertendo lágrimas. Ele era o protótipo do gênio da floresta. No palácio Iguçu em Curitiba encontra-se um painel. Nele está estampada a queda de algumas araucárias e junto delas um ente chorando. É a alegoria do gênio da floresta a deplorar a extinção dos pinheirais.

Campano lamentava, mas que fazer. A dor pela destruição daquela mata se acentuava. Ela que o vira nascer e lhe dera que comer. Ela sustentara micos, macacos, monos, coatis, queixadas, antas, veados, pumas, onças. Dera sustento a bandos ondulantes de papagaios, gralhas, tucanos, jacutingas e quantas outras aves. Depois de desfrutar aquela beleza, agora, no fim de seus dias, via o machado levá-la a catástrofe completa. Perdera a filha e a mulher nas mãos de Tião Bento. O filho vingara-lhe as mortes. Justiça fora feita. Viveria feliz se não tivesse de assistir à queda diária dos troncos amigos. Apesar de os amigos a título de consolo lhe sussurrarem que mais cedo ou mais tarde isso teria de acontecer o velho deplorava aquele desperdício, aquela ruína.

Falavam agora da vinda de máquinas a vapor para serrar pinheiros. Viu surgir os monstros negros. Viu o vapor branco espirrar força e mover as serras para desgraçar os pinheiros. Todos os dias novas vítimas da serra. Campano viu desmoronar-se todo o seu sonho. Toda aquela selvática natureza iria agora por terra. Fora montada a da Lumber Company. Uma outra fora montada no Toldo e o Lageado ia receber outra. Cada pinheiro que caía confrangia mais e mais o coração do velho que vivia para aquela floresta. Muitas vezes se abraçava com os gigantes tombados. Quando ao calar do machado tombaram muitos pinheiros e justamente aqueles que ele mais amava e como mais pujantes admirava seu coração, chocou-se com o acontecido, não resistiu. À noite arrastou-se para junto dos troncos caídos e barbaramente descascados. No dia seguinte, quando os operários da serraria foram continuar o serviço encontraram-no frio, abraçado às cascas dos troncos que tanto amara. Tombara com suas queridas araucárias.

x x x

Elisa chegou à estância numa quinta-feira à tarde. Todos os agregados, peões e vizinhos se fizeram presentes. Neco Batista que fora testemunha viajara segunda-feira para anunciar a chegada. Nestor e Elisa partiram quarta-feira.

Neco Batista estava preparando o churrasco. Uma sanfona arrancava modinhas acompanhadas nos seus oito baixos. Algumas moças dos agregados e peões ali se achavam e o fandango depois da dança ao ar livre foi o divertimento.

Neco correu a abraçar Nestor e agradecer-lhe o bom acolhimento em casa de seus sogros, desejar-lhe as boas-vindas. Todos fizeram questão de apertar-lhe a mão e cumprimentar sua esposa, a linda Elisa. Um peão encarregou-se dos cavalos. Após os cumprimentos Elisa entrou em casa para mudar de roupa. Estava fatigada, todavia quis compartilhar da alegria geral. O churrasco estava duplamente gostoso ao lado de seu marido. A consertada corria livre de mão em mão. Lá pelas tantas organizaram uma quadrilha e o Bastião cantava:

Óie a namorada do zê! eiá eiá!
Óie a rosa nos cabelos! eiá eiá!
Óie o ciúme da mulata! eiá! eiá!
Óie o caminho da roça! eiá! eiá!
Óie a pedra na cabeça! dói! dói!
Óie a panela de feijão! Oiá! Oiá!
Óie a moça bonita! vivô! vivô!
Cuidado Janjão! olé! olé!

Súbito houve um desentendimento entre dois homens agregados. Antes que fossem às vias do fato, Nestor com Neco prenderam-nos encorralando-os em separado. Deu-lhes café preto o que aliviou a barra. Duas horas depois mandou soltá-los. Se houvesse mais barulho já sabiam o que ia acontecer. A festa continuou pelo dia de sexta-feira e sábado, parou somente domingo.

Nestor a pedido de Elisa pediu a todos para acompanhar na recitação de "terço" ao qual todos fizeram questão de assistir. Era novidade naquelas bandas e os velhos setenciavam que a reza era necessária. Deus não podia ser esquecido pois que a ele se devia tudo e principalmente a vida.

Depois do "terço" foram servidos comes e bebes e à tarde a turma se desmanchou numa espécie de domingueira. A noitinha a turma debandou para descansar e segunda-feira pegar com coragem. Amanhecera um dia lindo de sol e o trabalho na estância seguia o seu ritmo. As ordens eram cumpridas. O gado agora umas centenas de cabeças representava fartura, se bem que fosse de baixo preço.

Elisa engajou-se no serviço e a preta Bertulina era sua mão direita.

x x x

Um novo "piquete" iludindo as forças governamentais, partira de Butiá Verde e apresentara-se na Estância num dia de marcação de gado. Ao ouvirem o tiro pararam o serviço. Todos pularam às armas. Nestor não perdeu o sangue frio. Sempre esperava por essa malta que há muito devia estar desbaratada. Resolveu não gastar munição e desenvolveu uma idéia genial. Num abrir e fechar de olhos ordenou a dois peões que se postassem à porteira aguardando ordens.

— Só atirem quando eu mandar. Conservem as armas nas mãos.

O "piquete" aproximava-se a galope em direção à mangueira. Antes mesmo que eles percebessem o que estava acontecendo, Nestor bradou aos peões:

— Abram.

Os peões correram as varas da porteira e Nestor com Neco e os peões deram um apupo e todo o gado precipitou-se mangueira a fora. Deu-se uma confusão de cavalos, cavaleiros, bois, galhos. Homens caídos a cainçalha a cair por cima foi um pandemônio dos infernos.

Os fanáticos deram tiros e procuraram a todo custo sair da encrenca. Os peões que estavam no campo ao ouvir o tiro avançaram e chegaram a tempo de mandar bala. Alguns fanáticos pagaram com a vida. Outros a muito custo livraram-se dos dentes dos cães. Nestor teve a lamentar a morte de dois ótimos cães. Algumas reses pagaram com a vida e outras ele teve de matar. Eram ferimentos mortais ou ossos quebrados sem cura. Os peões que vieram do campo sofreram uma baixa. Ao desaparecer o "piquete" Nestor partiu com seus homens e providenciaram o enterro dos fanáticos. O peão que fora sacrificado foi velado e no outro dia dado sepultura condigna com orações feitas por Elisa.

Os jagunços ao saírem da fazenda apesar da perseguição que lhes moveram os peões conseguiram levar algumas reses. A noticia que corria é que em Butiá Verde reinava a fome. As forças do governo venciam, sofriam baixas, mas a guerra não terminava.

Um ano passou sem que sucesso algum perturbasse o trabalho habitual da fazenda. O casal dava-se maravilhosamente bem. Lamentavam, às vezes não haver ainda um herdeiro em vista para dar continuação à obra encetada. Era para o bem como veremos adiante. Nestor jamais se descuidou e seus homens vigiavam. O rastreador finalmente descobrira quem mandara Cabrijo para o outro mundo. Dias e dias, meses e meses andara pedindo informações. Ninguém sabia de nada. E quem sabia recusava-se a falar. Contudo sempre há quem dê com a língua nos dentes. Daquela informação partiu para outra e foi deslindando o fio da meada até que finalmente soube que um fazendeiro, uma moça e mais um homem de Bela Vista estavam presentes, quando um grupo de homens rastejando dera cabo do bandido. Louco por mulher como era Cabrijo, todo o peso do rastreador passou para o estancieiro. Quem seria? e continuou o seu trabalho fanático. Na pachorra dos dias foi desvendando o mistério até que um dos homens que emprestara pás e enxadões para o enterro voltou ao local e contou ao rastreador quem poderia ser o estancieiro.

De informação em informação chegou à Estância das Araucárias. Sondou o terreno. Cauteloso como gavião garrancho esperava a hora de lançar-se sobre o homem que tivera a ousadia de assassinar tão bravo jagunço. (sic)

Os peões e agregados, que por Nestor passariam pelo fogo, estavam continuamente à espreita. Cães amestrados anunciavam qualquer estranho.

Numa manhã entre o mugir das vacas e o berrar dos terneiros Nero rosnou em direção do boqueirão e imediatamente toda a canzoada atirou-se para o mato. Esse era o truque do rastreador. Atrairia os cães. Os homens pensariam que se tratava de uma onça pintada e com eles apareceria Nestor. Agora já sobejamente conhecido entre seus agregados. Aproveitaria o ensejo para passar-lhe uma bala. Os peões acudiriam o patrão e ele sumiria como tinha vindo.

Quando, porém, os peões iam atirar-se em direção aos ladridos Nestor bradou:

— Agachar!

Os homens deitaram. Ninguém avançou. Nestor desceu por uma porta secreta para debaixo da casa e comandou:

— Deixar a fera acuada. Alguém venha até aqui. Traçou então o plano ao peão que acorrera a fim de cercar o bruto fera ou homem. O peão um dos mais ágeis e hábeis desceu a pirambeira e foi parar há pouca distância do local, onde o rastreador estava acuado.

— Baixe a arma ou é um homem morto.

Por essa não esperava o desgraçado.

Jogue fora a arma e desça. Com a arma apontada despachou a cachorrada e esperou o canalha. Com o cano de revólver nas costas, fê-lo abrir caminho naquele inferno de cipoalha e carazal. Pouco depois apontava ante Nestor e seus homens.

Apanhado na própria malha ficou mudo. Nestor sempre fora de poucas palavras, a não ser que quisesse narrar algo então excedia-se um pouco. Ante o mutismo do homem ordenou:

— Pendurem-no pelos pulsos. Duas cordas envolveram os pulsos do infeliz e as cordas passadas sobre os galhos de uma árvore, deixaram-no suspenso entre céu e terra.

— Vai falá, interpelou-o Neco Batista.

Nestor sentou-se a poucos passos e esperou. As mãos do desgraçado já estavam negras, soprava de dor e agonia. Por fim soltou um berro pavoroso e bradou:

— Eu falo.

Soltem-no, disse Nestor sem se mover. Deixem os pulsos atados. Se se negar será novamente suspenso.

— Pelo amor de Deus...

— Então fale. Que queria você por aqui?

Silêncio completo.

— Suspendam-no. Vou ensinar este cão a falar.

As cordas retesaram-se e um brado pavoroso reboou novamente enchendo de terror a tranqüila manhã e o eco repercutiu nos ermos.

— Juro que falo.

— Quer brincar comigo. Que veio fazer aqui?

— Eu vim matar você! berrou fazendo caretas de dor e desespero.

— Afrouxem a corda.

— Matar a mim e por que? Que crime cometi? Fale antes que eu saia de minha calma, perguntou Nestor intrigado.

Soprando os pulsos com sinais de sangue ele respondeu contando sua estória, jejuns, chuvas, frio, dormindo ao relento para consecução de seu fim. De como esperava que Nestor aparecesse para com um tiro tirar-lhe a vida por ter matado o mais respeitável jagunço do reduto Santa Maria. Em seguida desapareceria.

Nestor encarou-o com profundo desprezo. Nunca meus cães iriam permitir a tua saída. Eles te almoçavam e nem que fosses já um esqueleto daquela árvore só para a morte. A legítima defesa não consta como crime, pelo que sei. Agora se eu tivesse caído nas mãos daquele infame com minha noiva, teríamos sofrido o diabo. Meu sogro e eu teríamos assistido às mais infames cenas de baixeza. Isto não era crime? O certo virou errado e o errado virou certo? Você não percebeu que ele só cometeu crimes e que eu só defendi minha noiva e o meu sogro e o piá? Isto é crime; agora o que ele fez na noite anterior, incendiando casebres e querendo me sacrificar para depois matar isto nunca foi crime? São atos de bondade. Pois sim! Em boa hora recebeu o que merecia. Você vai pagar pelo que quis fazer e não conseguiu.

— Exijo que me tratem muito bem, porque se eu não voltar eles me procurarão e quando me encontrarem, chegará a vez de vocês, pois a de siô seria hoje.

— Amarrem-no no tronco e desçam o laço, foi a resposta de Nestor. Eles que venham, não terão melhor sorte. Confio em minha estrela.

O laço era o chiquerá. Relho de cabo curto, cujo trançado começava numa extremidade e continuava por bem uns 80 cm ou um metro, terminando numa ponta. O manejo na mão de pessoa habilitada parecia fácil. Agora receber um guascaço daqueles era o suficiente. Ultra doloroso o paciente se estorcia como cobra no fogo.

— Piedade, pediu.

— Nunca, disse Nestor, você vai pagar pelo que queria fazer sem razão e o que os seus irmãos vão fazer, se conseguirem, no dia em aqui chegarem.

Só pararam a sova quando o desgraçado desmaiou.

Prenderam-no num curral, onde arranjaram um monte de palha e um tapa-miséria. Elisa conseguiu do marido que ela e Bertulina tratassem das feridas, coisa que Nestor não quis de maneira alguma consentir.

— Que morra o desgraçado que tanto mal me quis, porque livrei o mundo de uns bandidos, a ponto de te deixar viúva, não fossem os fiéis cachorros.

Por fim cedeu às instâncias de sua linda esposa e assim o infeliz recebeu algum alívio. Dia e noite vigiado ali ficou a curar-se aos poucos das tremendas feridas recebidas em território inimigo. Pelo bem que lhe fizeram Elisa e Bertulina nunca teve uma palavra de agradecimento, também nunca as ofendeu. Mas votava um profundo desprezo pelas duas e um rancor visível a todos os seus vigias. Nada podia fazer, amarrado a um cepo, nas horas dos curativos tinha as armas dos peões apontadas. Qualquer tentativa seria o fim. Teve de ficar calado e digerir o seu ódio sem poder vingar-se.

x x x

Chegaria a hora da vingança. Eles souberam por informações do rastreador, antes de vir para a Estância quem matara Cabrijo e onde morava. Prepararam-se para assaltar a estância. Souberam também que o jagunço fugido, Nestor Costa, era o proprietário. E como dissera Cabrijo: "Isso não se perdoa". Tramaram a destruição da estância pelo assalto e pelo fogo.

Cada vez que algum jagunço se apresentava na Estância recebia tal lição dos peões que desistia. O que eles pretendiam era encontrar o rastreador que por certo devia estar retido em algum curral. Estudar o local era impossível. A defesa eficiente fazia arrefecer qualquer ataque. Uma força de uns cinqüenta homens distribuídos em três grupos devia encontrar-se em frente a casa grande. Cumpria despistar as forças governamentais que andavam por toda parte e levar a cabo a grande ameaça. O destino quis que tudo saísse diferente do que cogitaram os chefes. Até que chegou o dia de realizarem o planejado correu ainda muita água. Trovoadas desceram com chuvas torrenciais o raio desceu sobre um ou outro pinheiro.

Certo dia Nestor apareceu com uma carroça na fazenda. Naturalmente veio desmontada. Montou-a e ia começar a treinar uns cavalos, quando se apresentou um peão que já conhecia esse mister. Nestor entregou-lhe a carroça e ele cangou os cavalos. Atrou-os. Houve uns corcovos, uma vez que os cavalos não estavam acostumados a arrastar após si uma geringonça daquelas. Logo se acostumaram sob a mão diligente do peão. Depois de já ter cavado algum caminho pela fazenda, principalmente para a zona das roças, certo dia ele e Elisa voltavam de um passeio, quando se armou uma tremenda trovoada. O caminho passava junto a um enorme pinheiro e a chuva caía em torrentes. Ao passar pelo pinheiro este desenraizou e caiu por cima da estrada instantes depois que Nestor e Elisa tinham passado. Os animais quase viraram a carroça, não fosse a habilidade do bolieiro. O vendaval que desenraizara o pinheiro redobrou de fúria e galhos de pinheiro desciam escorregando pelas árvores. O perigo era grande e não havia para onde fugir. Nestor permaneceu calmo e abraçou-se com Elisa acalmando.

— Esses galhos podem fechar a estrada, se isso não acontecer chegaremos sãos e salvos. Mais adiante já era campo e um hora depois chegaram todos ensopados, o bolieiro e os dois passageiros. Elisa estava pálida do susto que tomou com a queda do pinheiro.

— Não penses nisso, fomos protegidos, o pinheiro poderia ter desabado sobre nós. Portanto a única coisa que temos a fazer é agradecer a Providência que não quis a nossa morte. O que passou, passou, está certo?

— Está. Nestor sempre tem razão. É por isso que eu não dou.

— Não me dá razão? por que?

— Porque você já tem, pilheriou Elisa com seu lindo sorriso.

Nestor envolveu-a nos braços e murmurou: Amor de mulher.

Bertulina entrou com os baldes de leite acompanhada de seus filhos. Elisa correu a auxiliá-la e Nestor chegando à janela ficou a observar as montanhas de grimpas arrancadas aos pinheiros, galhos quebrados. Atingidos pelo raio haviam morrido três cavalos. Os peões trataram de enterrá-los para evitar uma peste. Havia fazendas que os deixavam por conta dos urubus, Nestor era mais escrupuloso e exigia limpeza no campo. Por longo tempo ficou a olhar para os estragos do temporal. Estava nisso quando o chamaram para a ceia.

x x x

(Termina no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

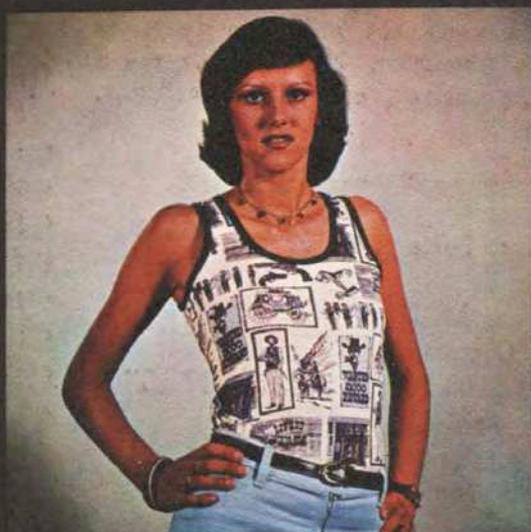
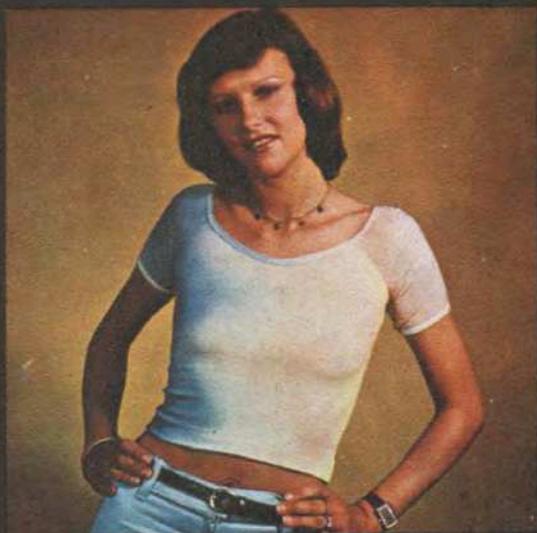
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

HERING NO ANO TODO



As Malhas Hering são coloridas e alegres como a primavera. Flexíveis, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão...

Cortes perfeitos, em todos os tamanhos, afastam o tédio e a tristeza dos dias outonais...

De puro algodão com fio

penteados, aquecem carinhosamente no inverno.

Passo o ano todo com Malhas Hering...

 **malhas Hering**
A malha jovem.

